



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Graduação em Biblioteconomia

PERSONALIDADES DA HISTÓRIA DO LIVRO

Raíssa de Castro Paranhos  
Orientadora: Prof. Dra. Dulce Maria Baptista

Brasília  
2015

Raíssa de Castro Paranhos

PERSONALIDADES DA HISTÓRIA DO LIVRO

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientadora: Prof. Dra. Dulce Maria Baptista

Brasília

2015

P223p

PARANHOS, Raíssa de Castro.

Personalidades da História do Livro / Raíssa de Castro Paranhos. –  
Brasília, 2015.

43 f.

Orientação: Prof. Dra. Dulce Maria Baptista

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de  
Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia,  
2015.

Inclui bibliografia

1. História do Livro. 2. Biografias. I. Título.

CDU 025.3

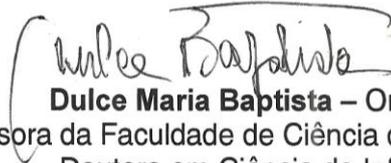


**Título:** "Personalidades da História do Livro"

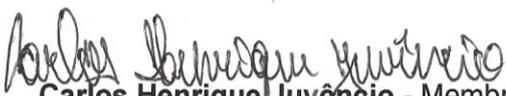
**Aluna:** Raissa de Castro Paranhos

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

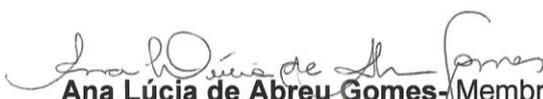
Brasília, 17 de novembro de 2015.



**Dulce Maria Baptista** – Orientadora  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação



**Carlos Henrique Juvêncio** - Membro  
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Mestre em Ciência da Informação



**Ana Lúcia de Abreu Gomes** - Membro  
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em História

*Aos meus pais, com carinho. Sem vocês “sou pá furada”.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família. Principalmente, aos meus pais, pois se não fosse por eles nada disso teria sido possível. Todo o investimento, carinho, união e amor me fizeram chegar com êxito onde estou. Élcis e Heloíza Paranhos, todas as minhas realizações foram construídas com o auxílio e os esforços de vocês e não poderia ter sido melhor. Sinto orgulho de vocês e me orgulho de ser como vocês.

Ao meu irmão que foi o meu primeiro e mais importante amigo, meu ponto de equilíbrio. Yuri Paranhos, sou feliz por tudo que você me ensinou e por tudo que ainda está por vir. Amor sem medidas por você!

Agradeço também à minha família de coração, que sempre me recebeu e me cuidou com tanta consideração. Principalmente à Grazielle Campos, que me mostrou esse caminho e me ajudou a trilhá-lo com muita afeição e dedicação.

Aos meus amigos que me apoiaram em todo o processo, principalmente nessa reta final. Em especial Mariana Andonios, Graziela Paes, Vitor Tucci e Ricardo Tavares. Vocês são essenciais na minha vida.

Aos amigos e professores que tive prazer em conhecer e conviver no Superior Tribunal de Justiça. Não houve aprendizado maior academicamente e profissionalmente. Tatiana Barroso, Leila Arantes, Thamara Alcantara, Natália Aguiar, Caroline Lago, Luciana Rodrigues e tantos outros, agradeço imensamente por todo o cuidado, instrução e conhecimento que vocês me passaram.

À minha prestativa e atenciosa orientadora que me guiou com muito apreço e dedicação para a realização deste trabalho. Dulce Baptista, muito obrigada pela paciência, positividade e fé depositada em mim.

E claro, à minha banca que dispôs tempo, paciência e atenção para a contribuição neste trabalho. Professora Ana Lúcia Abreu e professor Carlos, agradeço enormemente pela oportunidade que me foi dada.

À todos os outros que não nomeei aqui, mas sabem o seu papel e importância para a realização disso, muito obrigada!

“Hey, Jude, you'll do  
The movement you need  
Is on your shoulder”

**The Beatles**

## RESUMO

Este trabalho aborda, por meio de uma pesquisa descritiva, a importância da biografia como gênero narrativo e literário, e do livro como registro do pensamento e suporte da escrita. Traça um panorama da evolução do livro em paralelo com a história da civilização. Apresenta biografias de nove personalidades relevantes para a História do Livro, sendo três da Antiguidade, três da Idade Média e três da Modernidade, buscando-se contextualizá-las dentro dos respectivos momentos históricos e identificar suas contribuições para o desenvolvimento do livro em seus diferentes usos e formas.

**Palavras-chave:** História do Livro. Biografia. Assurbanipal. Calímaco de Cirene. Hipátia de Alexandria. Monges copistas. Cassiodoro. Bi Sheng. Laurens Coster. Johannes Gutenberg. Aldo Manúcio.

## **ABSTRACT**

This paper approaches, through descriptive research, the importance of the Biography as a narrative literary genre and the importance of the book as a means of registering thoughts and support writing. Presented here are the biographies of nine personalities relevant to the History of the Book, three of them being from Ancient times, three from the Middle ages and three from Modern times, each of them contextualized in their respective historical moment and having their contributions to the development of literature in its different uses and representations properly identified.

**Keywords:** History of the Book. Biography. Ashurbanipal. Callimachus of Cyrene. Hypatia of Alexandria. Copyist Monks. Cassiodorus. Bi Sheng. Laurens Coster. Johannes Gutenberg. Aldus Manutius.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>12</b>
2.1	<i>DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA</i> .....	12
2.2	<i>OBJETIVOS DA PESQUISA</i> .....	12
2.2.1	Objetivo geral .....	12
2.2.2	Objetivos específicos .....	12
2.3	<i>DELIMITAÇÃO DO ESTUDO</i> .....	12
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>13</b>
3.1	<i>Biografia: um gênero literário e histórico</i> .....	13
3.1.1	História da Biografia .....	15
3.2	<i>História do Livro e das Bibliotecas</i> .....	18
3.2.1	O livro na Antiguidade Clássica .....	18
3.2.2	<i>O livro na Idade Média</i> .....	21
3.2.2.1	<i>Códice ou Codex: a pequena grande revolução</i> .....	23
3.2.2.2	<i>A invenção do papel</i> .....	24
3.3	<i>Idade moderna e a invenção do homem tipográfico</i> .....	25
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>29</b>
5.1	<i>ANTIGUIDADE CLÁSSICA</i> .....	29
5.1.1	Assurbanipal .....	29
5.1.2	Calímaco de Cirene .....	30
5.1.3	Hipátia de Alexandria .....	31
5.2	<i>IDADE MÉDIA</i> .....	32
5.2.1	Monges Copistas .....	32
5.2.2	Cassiodoro .....	33
5.2.3	Bi Sheng .....	34
5.3	<i>MODERNIDADE</i> .....	34
5.3.1	Laurens Coster .....	34
5.3.2	Johannes Gutenberg .....	35
5.3.3	Aldo Manúcio .....	36
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b> .....	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento é um elemento que está sempre em crescimento e é um importante combustível para a evolução da civilização. Sendo assim, o livro se mostra como registro escrito do pensamento e reflete o crescimento das ideias de uma sociedade ou de uma cultura. O livro está ligado ao desenvolvimento de gerações e permite, na sua forma mais antiga, a difusão do pensamento. Os livros tornaram-se fundamentais para definir um tipo de educação, destinaram-se a instruir cidadãos, propuseram formas de conceber uma nação e são reconhecidos como parte dela. Cada livro pode se tornar um elemento de construção cultural do indivíduo e do mundo.

A biografia, entendida como um gênero literário, e portanto, como um tipo de livro, associa história e literatura, contando a história de nações, crenças e culturas. Relatando a história de vida de um ou mais indivíduos, a biografia traz a contextualização de uma época, de alguns costumes e mostra um pouco da história de heróis que viram humanos quando estudados por esse gênero literário e histórico.

A História do Livro e das Bibliotecas apresenta a trajetória do desenvolvimento da escrita desde a Antiguidade até os dias de hoje. Passando pela necessidade de gravar pensamentos e chegando até a industrialização, a História aqui apresentada se confunde com a história de muitas civilizações, religiões e revoluções. A História das Bibliotecas complementa a História do Livro e não o contrário. Desta maneira, o objetivo deste trabalho é retratar a História das Bibliotecas relacionada ao surgimento do livro.

Posto isto, serão apresentados alguns dos mais importantes nomes e suas principais colaborações para tal percurso. Selecionando 3 (três) nomes de cada época – Antiguidade, Idade Média e Moderna – esta monografia apresenta um pouco da biografia de cada personalidade, bem como seus principais feitos relacionados à evolução do livro, e sua permanência até os dias de hoje.

## **2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA**

No estudo da História do Livro e das Bibliotecas, há uma carência de material que especifique algumas das mais importantes personalidades do livro e suas principais contribuições para a história que hoje conhecemos. Há uma quantidade satisfatória de biografias em geral, mas nenhuma que enumere as principais personalidades e suas mais importantes contribuições em um só documento.

### **2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA**

#### **2.2.1 Objetivo geral**

- Listar algumas das principais pessoas e elementos importantes para a História do Livro

#### **2.2.2 Objetivos específicos**

- Listar nove personalidades da História do Livro – três da Antiguidade, três da Idade Média e três da Modernidade;
- Discorrer sobre a biografia de tais personalidades;
- Analisar e especificar as principais contribuições de cada uma delas para a História do Livro.

### **2.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO**

O estudo apresentado nesta pesquisa contempla a História do Livro, principalmente ocorrida na Eurásia e África Setentrional, incluindo a Antiguidade, Medievalidade e Modernidade, passando por importantes momentos, na evolução de tal material que é utilizado até os dias de hoje. Mostrando a relevância da biografia, serão apresentadas algumas pessoas significativas, e suas respectivas histórias de vida, que complementaram a trajetória do desenvolvimento do livro. O conteúdo desta análise não aborda a História da Biblioteconomia em si, mas se detém principalmente nos aspectos relacionados à História do Livro. O conteúdo foi desenvolvido através de revisão de literatura, pesquisa documental e análise de dados.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

#### 3.1 Biografia: um gênero literário e histórico

A palavra “biografia” é proveniente de um termo grego composto: *bios*, que significa “vida”, e *graphein*, que significa “escrever”. Segundo Del Priori (2009, p. 8), o gênero que tinha por objetivo a vida dos indivíduos, teve seu nome dicionarizado como “biografia” em 1721 – antes disso eram denominadas “memórias” e apareciam na forma em que os indivíduos narravam os acontecimentos dos quais participaram ou foram testemunho.

A biografia é narrativa e expositiva. É um gênero literário que narra, geralmente na terceira pessoa, a história de vida de uma ou mais pessoas, com descrição de fatos que podem envolver ou não, fatos e testemunhas. Descreve uma ou mais trajetórias de vida, incluindo em prevalência dados precisos, como nomes, locais e datas dos mais importantes acontecimentos. Normalmente, são redigidas biografias de figuras públicas. Há também a autobiografia, onde o próprio autor é a pessoa retratada na biografia.

A biografia, como qualquer outro gênero literário, possui uma estrutura básica, a qual descreve-se seguir. Começando a estrutura tem-se a introdução, apresentação inicial do protagonista, o desenvolvimento, descrição dos principais acontecimentos que integram a história, e a conclusão, que caracteriza a parte final, podendo ter um caráter mais subjetivo, ou seja, podendo conter a visão do narrador.

Schmidt discorre sobre uma ideia que a maioria dos estudiosos da área defende e que é a mais importante para o estudo aqui apresentado: a biografia histórica. Tal literatura possui uma liberdade de invenção quase nula, maior compromisso com os documentos, além da necessidade de citação das fontes. O autor ainda diz que o historiador deve se dar conta que a biografia é sempre uma criação possível, entre muitas outras, em relação ao personagem, e nunca o retrato efetivo. Ainda completa: “Neste sentido, precisa renunciar à busca de uma essência social ou psicológica que explique a trajetória examinada, para levar em conta as mudanças de rota, os percalços, os acasos, os possíveis de cada existência. ”. (SCHMIDT, 2014, p. 196-199)

Para Mendes (1992, p. 358), “Ao aceitar-se a biografia como gênero histórico, admite-se, igualmente, um alargamento da sua função”. Contudo, colocando em perspectiva a biografia como gênero histórico, Del Priori (2009, p. 11-12) escreve para um público que espera uma narrativa de acontecimentos encadeados em uma ação codificada por fatos interpretados e verídicos. Desta maneira, a estrutura literária da biografia se diferencia do

romance por uma característica fundamental: os acontecimentos narrados ali, são provenientes de documentos e fatos e não frutos da imaginação do escritor. Ou seja, o autor reconstitui as coisas do passado, o que torna o gênero um tanto perigoso, pois há um cruzamento oculto com a imaginação literária. Aquela que não pode ser ignorada, pois eliminando a estrutura narrativa, as obras perdem a legibilidade e a coerência. É, então, uma história garantida, de fatos ocorridos, fenômenos históricos explicitados e documentos examinados.

Trazendo a importância da biografia para a atualidade, temos a seguinte afirmação apresentada por Schmidt (1997, p. 4): “No que se refere ao contexto, é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea tem como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente.”

Pode-se considerar a seguinte tipologia de modelos biográficos:

- a) Prosopografia<sup>1</sup> e biografia modal: Nesta óptica, as biografias individuais só têm interesse enquanto ilustram comportamentos ou aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais frequentes. A biografia perde, assim, algo da sua especificidade, uma vez que os dados que fornece são utilizados para fins prosopográficos;
- b) Biografia e contexto. Neste caso, a biografia conserva a sua peculiaridade. Contudo, a época, o meio e o ambiente são fortemente valorizados, como factores suficientes para caracterizar uma atmosfera que explicaria os destinos na sua singularidade;
- c) A biografia e os casos-limite. Por vezes, as biografias são directamente utilizadas para esclarecer o contexto. «Neste caso», salienta o autor citado, o contexto não é compreendido na sua integridade e na sua exaustividade estatística, mas através das suas margens;
- d) Biografia e hermenêutica. A antropologia interpretativa tem sublinhado o acto dialógico. Consequentemente, o conhecimento não é o resultado de uma simples descrição objectiva, mas sim de um processo de comunicação entre duas pessoas ou duas culturas. (LEVI 1989, *apud* MENDES, 1992, p. 359)

Mendes (1992, p. 359) argumenta que a biografia pode ser feita de várias maneiras e a desmembra em dois tipos principais: a biografia linear, do nascimento à morte, com o mínimo de referências ao contexto histórico; e a biografia que pertence a um contexto histórico mais amplo, onde o indivíduo é apenas um estudo do contexto da época.

Para Schmidt (2014, p. 197), um dos desafios fundamentais dos biógrafos atualmente é capturar os personagens com enfoque em diferentes ângulos, desenvolvendo-os de um jeito estável e coerente, sem deixar de considerar suas incertezas, hesitações, transformações, etc.

---

<sup>1</sup> Segundo o Dicionário Online Dicio: s.f. Esboço de uma figura.

Com isso, há a renúncia da linearidade cronológica, obrigando os historiadores a trabalharem com diferentes temporalidades, como por exemplo, tempo familiar, tempo interior, tempo de memória, entre outros.

Estabeleceu-se na modernidade a ideia de indivíduo único, racional e autossuficiente. Contrapondo-se ao coletivismo medieval, estava o “pensamento burguês erigindo o homem como centro de todas as indagações filosóficas, inspiração para as artes, base da democracia, o possuidor de direitos universais.” (SCHMIDT, 2014, p. 196)

Del Priori (2009, p. 14) traz então o papel do historiador na biografia: “Textos que reencontrem o tempo perdido, que chamem à cena os fantasmas da história, que tenham capacidade de conversar com os mortos. Que permitam a magia de entrar na vida de outrem e que façam dos historiadores, caçadores de almas capazes de encantar os leitores graças às biografias históricas.”.

### 3.1.1 História da Biografia

Del Priori (2009, p. 7) explica que a biografia foi uma das primeiras formas de história, e cada vez mais chama a atenção dos historiadores, apesar de a biografia histórica ser algo recente. Até a metade do século XX, mesmo sem ser completamente abandonada e ignorada, o gênero era visto como algo ultrapassado, ainda mais por uma geração dedicada a abordagens economicistas e quantitativas.

A autora prossegue observando que a biografia mudou ao longo dos tempos. Na Grécia era história, mas também retórica. Os historiadores romanos foram inspirados pelo modelo grego. Depois surgiu a hagiografia<sup>2</sup>, que demonstrava o quase que perfeito modelo humano. Tais histórias vinham para incentivar modelos aos leitores, ou seja:

As encarnações do sagrado se tornavam modelares no percurso realizado por mártires, doutores e confessores. A partir dos séculos XII e XIII, os santos deixaram o mundo fechado dos monastérios. A santidade passou a ser imitada no cotidiano e a narrativa sobre a vida de cavaleiros invadiu a Idade Média. Era o início de um período de heróis. Heróis, ao mesmo tempo, objetos de transferência do sagrado, atores de intrigas e portadores de valores positivos. (DEL PRIORI, 2009, p. 7)

---

<sup>2</sup> Segundo o Dicionário Online Dicio: s.f. Ciência que se relaciona com as coisas sagradas. Obra ou coleção de obras sobre santos; biografia de santos.

Junto com o Renascimento surgiu um novo jeito de viver e de conceber o destino do homem no mundo. O indivíduo passou a pensar e dizer “eu”, o mundo social alterou de núcleo de gravidade. O centro deixou de ser as leis impostas por Deus, pelo Estado ou pela família e passou a ser o culto de si. Nos séculos que vieram a seguir, o individualismo ainda não parou de se afirmar e escrever sobre a vida tornava-se uma moda duradoura. Foi assim que os chamados “memorialistas” do Antigo Regime, construíram a memória do mundo e de si. Já no século XVIII, a imagem do herói medieval foi substituída pela imagem dos grandes homens e diferentemente do personagem heroico, este último tinha que ser proveitoso à sociedade e isso tudo era estudado pela biografia. (DEL PRIORI, 2009, p. 8)

A autora aqui mencionada também relata que “no século XIX, as biografias tiveram importante papel na construção da ideia de “nação”, immortalizando heróis e monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos, lugares de memória, tradições populares etc.”. Tal concepção foi resgatada pela corrente positivista. Aos poucos, no mesmo período, história e literatura se separaram, e a primeira foi monopolizada por acadêmicos e transformada em disciplina. Schmidt (2014, p. 192) ainda completa dizendo que neste século, a história procurou atestar sua cientificidade com base no modelo das ciências físicas e naturais, e para isso tratou de proscrever a dimensão literária do discurso histórico. Ainda lembra que o historiador tinha que relatar e/ou explicar o passado de modo racional e objetivo, deixando aos literatos recriar os acontecimentos conforme sua imaginação ou subjetividade.

Del Priori (2009, p. 8) escreve que no início do século XX, houve o declínio da narrativa, que foi colocada no mesmo nível que a história factual. Veio então o *New Journalism* ou Nova História, nascida dos *Annales* – escola mais notável de historiografia na época – nos anos 60, visava diminuir a história política, diplomática, militar ou eclesiástica que destacava o indivíduo e o fato. Ou seja, preferiu priorizar o “fato social total” em todas as suas perspectivas econômicas, sociais, culturais e espirituais. Considerando então o retorno da biografia, Schmidt (1997, p. 5) afirma que esta volta é um movimento internacional nítido em várias correntes recentes, e mesmo apesar das diferenças entre tais tradições historiográficas, é notável o interesse pela busca de trajetórias únicas.

A Escola dos *Annales*<sup>3</sup> fez o método de escrita dos historiadores, fazendo-os escrever para especialistas como eles. Era considerado uma ciência e não havia espaço para a

---

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário Online Dicio: No século XX, uma das mais notáveis escolas históricas foi a chamada **Escola dos Annales**, cuja atividade começou em 1929.

arte, ainda mais quando se tratava de biografia que era excluída nesta nova orientação, mesmo sendo uma narrativa por excelência. Sendo assim, os historiadores passaram a rejeitar os heróis individuais e os fragmentos cronológicos vividos por eles, e os escritores se estabeleceram como os grandes biógrafos da época. Vigorosamente presa aos fatos, a maioria das biografias eram acrílicas e condiziam com um público com sede de fatos históricos, de episódios sensacionais ou enigmas insolúveis. Havia aspiração por este gênero, principalmente no mundo europeu e anglo-saxão. Contudo, foi apenas nas décadas de 70 e 80 do século passado que o preconceito pela biografia histórica cessou. Foi então que o indivíduo encontrou a história e houve uma diminuição das análises marxistas e deterministas, que haviam limitado a produção historiográfica por décadas. A explanação histórica deixava então de se importar com as estruturas, passando a centralizar suas análises nos indivíduos e suas paixões, constrangimentos e interpretação de suas condutas. O indivíduo e suas ações se relacionavam com o ambiente social e/ou psicológico. Esta nova visão da história, ia em direção oposta, aos já mencionados, grandes homens do século XIX. (DEL PRIORI, 2009, p. 8)

A autora citada acima relata também que, em 1980 houve um grande debate entre historiadores e sociólogos sobre o tema aqui descrito. Foi neste momento que os historiadores passaram a pensar na biografia de um novo ângulo. O gênero voltou, mas nada tinha a ver com a volta da história heroica e literária dos grandes homens. Acabava a biografia positivista naquele momento e a biografia histórica não se tratava apenas de escrever sobre o indivíduo isolado e sim sobre a época retratada através da vida de um ou mais indivíduos. Trilhando este novo caminho, a biografia desfez a inautêntica oposição entre indivíduo e sociedade, pois o indivíduo apenas existe se em sua vida convergem fatos e forças sociais, e o oposto também é válido, pois as ideias e representações do homem convergem para o contexto social ao qual ele pertence. Logo, era feita a abordagem histórica pelo foco em um cidadão que não era necessariamente ilustre ou conhecido. Os cidadãos estão situados em diversas redes que se cruzam: a casa e a família, o espaço regional, o universo espiritual, o pensamento da época. Foi a partir dessa constatação que surgiu a Micro-História, que assumia a autenticidade do “fatiamento da história” que foi colocado em cena na Nova História. E entretanto preocupada com a problematização mais visível do objeto investigado, principalmente quanto às hierarquias e conflitos sociais, tal vertente produziu importantes biografias retiradas desta nova prática historiográfica. Podemos entender, então, que a Micro-História se preocupa com os anônimos da história.

## **3.2 História do Livro e das Bibliotecas**

O conhecimento é um elemento que está sempre em crescimento e é um importante combustível para a evolução da civilização. Sendo assim, o livro se mostra como registro do pensamento e reflete a evolução das ideias.

A História do Livro é um tipo de conhecimento que estuda os vários tipos de suporte e escrita desde seus primórdios. A História das Bibliotecas se mostra complementar à História do Livro, não sendo possível contar a história de um sem comentar sobre o outro.

Não diferente de outras histórias ocidentais e orientais, a biografia histórica se mostra fundamental para a História aqui apresentada. Trazendo a vida e o contexto de uma época, a biografia de um indivíduo revela suas aspirações e contribuições para a evolução de ideias, objetos e tantas outras coisas. Afinal, o biografado não existe sozinho, ele acaba por trazer um contexto histórico e social ao qual ele pertencia, mas também modifica o contexto histórico vivido. O homem é protagonista, herói e escritor de sua história não apenas como indivíduo, mas como integrante de uma civilização. A História é contada por várias histórias de cidadãos pertencentes àquele período e local. Para a História do Livro, é imprescindível se estudar a vida das pessoas que viveram e participaram das mudanças que afetaram de tal objeto. Foram eventos positivos e negativos que nos trouxeram até aqui. Diferente do que se pensa, a História do Livro foi tumultuada, tendo em seu decorrer pessoas ambiciosas, idealistas, lutadoras e visionárias que tiveram tanto necessidades que transformaram a propagação do conhecimento nas civilizações antigas, quanto censuras de reis, monarcas, ditadores e Igrejas, além das inúmeras disputas de poder, guerras que influenciaram de todos os ângulos possíveis a história aqui apresentada.

### **3.2.1 O livro na Antiguidade Clássica**

A Antiguidade, período que remonta do ano de 4000 a.C. até 476 d.C., onde as civilizações grega e romana tiveram grande destaque, trouxe em seu transcorrer o domínio de Alexandre, O Grande, o Império Bizantino e a língua grega, como idioma universal, além do direito romano e dos grandes gênios gregos que revolucionaram a filosofia, matemática, medicina, história, geografia, teatro, astronomia, etc.

Foi a época em que surgiu também a escrita. Para Barbier (2008, p.27), a invenção da escrita está fortemente ligada às sociedades mais complexas, aquelas em que as necessidades administrativas e econômicas precisam ultrapassar a simples oralidade. Junto com a escrita

surgiu a necessidade de um tipo de suporte para registrá-la. Primeiramente, foram utilizadas tabuletas de argila e pedra, passando pelo osso, madeira, couro, ostraca, papiro e pergaminho, sendo que, com essas mudanças de um tipo de suporte para outro, o livro foi tomando um formato cada vez mais acessível e prático.

Segundo Bezerra (2006, p.385), o papiro era uma planta que crescia abundantemente nas margens do Rio Nilo, o que impulsionou a prosperidade do Egito antigo. Já o pergaminho – mais recente que o papiro – ganhou espaço. E a alta qualidade com que era produzido na cidade de Pérgamo, na Grécia, que determinou que o produto fosse popularizado e nomeado dessa maneira.

O livro era denominado *volumen* ou *rotulus*, o que nada mais era do que um rolo com uma escrita. Tal escrita não era feita pelo autor e sim por um secretário ou copista.

Os livros de formato quadrado quase não estiveram em uso, nem entre os gregos, nem entre os romanos, a não ser muito tempo depois de Catulo (...). A velha maneira de dar aos livros, enrolando-os, a forma de uma pequena coluna se mantém, de modo que no século de Cícero, e muito tempo depois, todas as bibliotecas estão compostas desses rolos... (L. MORERI *apud* BARBIER, 2008, p. 34).

Pode-se perceber que a prática de leitura do *volumen* se fez de maneira bastante complexa, pois tornava-se necessário desenrolar um lado enquanto se enrolava o outro, o que vedava a leitura de mais de um rolo simultaneamente.

Conforme Battles (2003, p. 37), as bibliotecas forneciam exemplares para que os leitores gerassem cópias de tais obras para uso próprio.

Para Barbier (2008), houve resumidamente três características principais para o livro na Roma Antiga: inicialmente, a importância da ocorrência da transferência cultural desde o Mediterrâneo oriental, em especial, a Grécia e o mundo helenístico; em sucessão, o papel cultural moderno das bibliotecas privadas, que se tornaram espaço de sociabilidade e de trabalho; e, por fim, o livro se mantinha um inestimável objeto, de certa forma, ainda raro. Neste período, já se observava a presença de bibliofilia em Roma.

### **3.2.1.1 Biblioteca de Alexandria: a biblioteca mais famosa da Antiguidade**

Toda a sabedoria, complexidade de informações e características das coleções de livro da Roma antiga quase foram extintos em decorrência dos vários e grandiosos incêndios que destruíram cidades, assim como as invasões, os motins e o decorrer do tempo. Um grande exemplo de tal perda foi o que ocorreu com a Biblioteca de Alexandria.

Considerada a mais famosa, e talvez a mais importante da Antiguidade, foi considerada como um protótipo das universidades da Modernidade. Com aspirações

universais, seu acervo possuía cerca de setecentos mil volumes e foi fundada por Ptolomeu Soter durante seu reinado. Para seu filho, Ptolomeu Filadelfo, ficou a tarefa de ampliá-la. Tal biblioteca era dividida em duas partes: a maior foi construída no Século III a.C. no interior do conhecido “Templo das Musas”, e a mais nova e menor – que guardava as novas aquisições – foi construída no século seguinte, na parte interna do templo de Serápis - ou Serápio. Ambas ficavam localizadas em Brucheion, parte nobre da cidade, onde ficavam os palácios, segundo Battles (2003, p.29). Ainda sobre as duas partes da famosa biblioteca, Martins (2002, p.75) afirma que “no momento da entrada de César em Alexandria, o edifício de Brucheion foi incendiado, sobrando, apenas, os da nova biblioteca, enriquecida, em compensação, com os livros de Pérgamo, saqueados por Marco Antônio e doados a Cleópatra”.

Os ptolomeus, que na época mantinham a biblioteca cuidadosamente em crescimento adotaram a seguinte estratégia:

Atraindo intelectuais para Alexandria, convidando-os para viver e trabalhar à custa do tesouro real e pondo a disposição um estoque imenso de livros, os ptolomeus transformaram a biblioteca num imenso aparato de assessoramento sob o controle da casa real. (BATTLES, 2003, p. 35).

Ainda sobre o crescimento da biblioteca, segundo Manguel (2006, p. 217), um decreto real de Ptolomeu III ordenava que todos os navios que aportassem em Alexandria tinham que repassar todos os seus livros para que fossem copiados, sendo que a duplicata ficava para a biblioteca da cidade, enquanto a obra original voltava para seus respectivos navios. Sendo assim, Battles (2003, p. 36), observa que o grande estoque de livros que foi reunido em Alexandria determinou uma nova percepção a respeito do valor do conhecimento. Tendo como objetivo reunir todo tipo de conhecimento possível – inclusive os “proibidos” – os ptolomeus confirmavam o sentimento puramente alexandrino de que o “conhecimento é um bem, uma mercadoria, uma forma de capital a ser adquirido e entesourado. ”, conforme completa Battles.

Ademais, o autor diz ainda que diversas das obras daquela época que chegaram até nós, somente sobreviveram por estarem em bibliotecas pequenas e privadas, a salvo de censura e descuido. Posto isto, as preferências e necessidades de leitores e colecionadores privados ditaram aquilo que de certa forma sobreviveu.

Sendo considerada importante até os dias de hoje, alguns especialistas defendem que a Biblioteca de Alexandria só possui tal relevância porque se queimou.

### 3.2.2 O livro na Idade Média

A Idade Média, época que abrange todo o período entre o século V e XV na Europa, teve seu início com a queda do Império Romano do Ocidente e teve seu desfecho com a tomada de Constantinopla. A Alta Idade Média caracterizou-se, entre outros aspectos, pelo feudalismo, o teocentrismo e pela sociedade estamental, além da agricultura de subsistência. A Baixa Idade Média trouxe consigo a crise feudal, as Cruzadas, o renascimento comercial e a crise geral que incluiu a fome, a peste e a guerra dos 100 anos.

Em tal período da História, Battles (2003, p. 74) afirma que “só a estrita necessidade justificava o acesso aos livros e à própria alfabetização”. Como se pode ver, para a História do Livro, a Idade Média significou pouca difusão da leitura, pois, com o tempo, passou a ser entendida como uma época obscura para os livros, estudos e bibliotecas em geral.

Os cristãos romanos construíram uma identidade cultural que se definia por oposição à literatura e à arte da antiguidade pagã. Com o declínio econômico e social acentuando-se cada vez mais, secaram as fontes dos recursos necessários para adquirir e preparar o pergaminho e o papiro e para sustentar exércitos de copistas. (BATTLES, 2003, p. 61)

Battles (2003, p. 62) ressalta em seu estudo que, mesmo com pobreza material e com as injunções religiosas, a cultura da literatura da Antiguidade ainda se conservou entre os monges. Isto é, apesar de não ter material mais conveniente para a escrita, a terra do papiro ainda continuava a ler e a escrever, mesmo com a pobreza da comunidade. Esse tipo de situação a que a literatura era submetida trouxe mudanças, sendo que depois da queda do Império Romano, a escrita se tornou um hábito efêmero. Isso porque, na falta de uma demanda imperial por inscrições em pedras e por discursos transcritos em papiro ou pergaminho, por exemplo, pouca coisa era escrita de maneira perene. Assim sendo, com ressalva do que foi escrito em óstracas (pedaços de cerâmica ou pedra), a maioria dos escritos desse período foi gravado em tabuletas que não poderiam sobreviver por muito tempo, por causa do tipo de produção e processamento de tal material. Apesar disso, tais tabuletas, que eram cobertas de cera, viveram como suporte da escrita da Mesopotâmia até a Idade Média.

Alguns estudiosos acreditam que, provavelmente, foi a partir da precariedade da tabuleta que os monges copistas passaram a conceber a ideia de livro como algo semelhante ao que conhecemos hoje. Tal ideia ou aperfeiçoamento dela, denominava-se códice. As tabuletas, por muitas vezes, eram vinculadas por um cordão, formando uma espécie de bloco. É possível que, os escribas que viviam no Egito tenham adaptado as folhas de papiro ao modelo desses blocos, substituindo o rolo, que era muito comum na Antiguidade. (BATTLES, 2003, p. 62)

O autor afirma que os monges escreviam para aprender a ler e copiar as Escrituras e para se dedicarem a um trabalho espiritualmente gratificante. Paiva (2010, p. 23) completa dizendo que “um livro recopiado pelo escriba ou copista da Idade Média distinguiu-se talvez de um semelhante pela característica humana de não copiar maquinalmente”. Os monges davam muita importância à conservação de suas coleções, relíquias religiosas, obras de referência, ignorando valor mercantil. Tudo pertencia à Igreja naquela época, o livro era considerado propriedade do mosteiro e por muitas vezes era considerado “propriedade” de algum santo – Livro de São Mateus, Livro de São Lucas.

O ambiente medieval-religioso contava ainda com o *scriptorium*, que era uma sala reservada para escrita de textos religiosos da Antiguidade Clássica, e se localizava nos mosteiros medievais. Era considerado o topo hierárquico das ideias e das artes. Nesses lugares, os monges marcavam, liam, copiavam, corrigiam e ilustravam os textos de veneração, adoração, estudo e análise. Havia também os *scriptoria* mais ativos que não funcionavam apenas para o mosteiro, eram tidos como indícios de casas de edição, produziam cópias destinadas a outros mosteiros, além de fornecerem livros para a Igreja e nobres da época. Possuíam o *armarium*, um compartimento existente no *scriptorium*, destinado a abrigar os livros que iam sendo copiados e produzidos pelos copistas que agiam como bibliotecários, sendo também um tipo de chefe de edição. (PAIVA, 2010, p. 31)

Conforme Battles (2003, p. 69), apesar de se localizar no Oriente Médio, o Islã foi uma peça fundamental para a cultura livresca ocidental. Ainda na Idade Média, os muçulmanos aprenderam certas técnicas com alguns povos, trazendo o livro para um patamar mais evoluído. Com os prisioneiros chineses aprenderam a confeccionar o papel, já com os escribas etíopes descobriram a forma do códice e ainda a aperfeiçoaram, produzindo capas de couro de maneira artística. Diferente do que os gregos e romanos tinham de ideia do livro – apenas um repositório utilitário de conhecimento, que tinha de ser econômico e simples – os calígrafos e ilustradores do Islã fizeram do livro um objeto digno de obra de arte, e sendo assim, os colecionadores podiam apreciar não só o conteúdo do livro, como também sua beleza suntuosa. Para os muçulmanos, o requinte na preferência de um livro era pré-requisito para qualquer comerciante que se prezasse. Já na Europa cristã medieval, muito menos mercantil que o mundo muçulmano, somente as pessoas do alto escalão da sociedade, se permitiam ter a ostentação de serem especialistas em livros ilustrados. O autor ainda acrescenta:

Ao longo de toda a Idade Média, as conexões entre as tradições livrescas do Islão (*sic*) e da Europa cristã continuaram a existir. Estudiosos europeus frequentavam os grandes mercados de livros em Toledo e Córdoba, e tanto durante quanto após as

Cruzadas muito volumes vinham para a Europa depois de serem tomados como butim. (BATTLES, 2003, p. 72)

De acordo com Paiva (2010, p. 32), no século XII, ocorre uma multiplicação de escolas e uma disseminação do saber nas cidades, e um novo ritmo se impõe à produção e demanda editoriais. Como consequência, verifica-se uma evolução nos negócios de livros, sendo que há um incremento na escala produtiva para servir o mercado editorial europeu. Acontece que tal século é marcado por um fenômeno chamado de “Renascimento Urbano” que segundo a própria autora, é “associado ao surgimento no Ocidente medieval das primeiras escolas laicas, ao desenvolvimento das escolas eclesiásticas urbanas e conseqüentemente à evolução da dialética. ”. Estabelece-se como essencial a figura característica do intelectual medieval, aquele que conduz o progresso das escolas eclesiásticas urbanas para as escolas laicas, auxiliando o nascimento das primeiras universidades. Surge então a hierarquização do trabalho: há o responsável pelo tratamento do pergaminho, o copista, o corretor, o ilustrador, o profissional de acabamento e encadernação.

Ainda segundo Paiva, nas redondezas das cidades universitárias europeias, comerciantes trabalham com produção de manuscritos e cópia de segunda mão. Na universidade surge o exemplar. Deixado aos cuidados do *stationnaire* – uma espécie de livreiro – o mesmo normaliza o padrão de cópias validadas e empresta ou vende a edição para os estudantes ou novos copistas. Além disso, esse profissional ainda recebia um modelo ou original em caderno sem capa e costura e o liberava aos estudantes ávidos por estudo ou consulta. Surge, então, o livro de referência – em uma versão mais barata e simplificada. O livro religioso persiste até o fim da Idade Média no ápice da produção editorial, destinada aos mosteiros, conventos, igrejas, paróquias.

### **3.2.2.1 Códice ou *Codex*: a pequena grande revolução**

O códice é um conjunto de placas, conectado por dobradiças, formando uma espécie de livro. Apesar de ser um objeto mais fácil de se manusear, não se firmou muito na Roma imperial, onde o livro permanece o *volumen* sobre o papiro, enquanto o pergaminho e o *codex* servem para trabalhos mais rápidos e breves, como notas e rascunhos. Acabou por se generalizar apenas nos séculos III e IV. O suporte a partir de então se torna o pergaminho, pois era mais complicado fazer códices em papiro. Uma das maiores vantagens do pergaminho em relação ao papiro era a possibilidade de ser utilizado dos dois lados, mas era

difícil enrolá-lo. Com o códice é desenvolvida a encadernação, com os primeiros exemplos conhecidos sendo egípcios. (BARBIER, 2008, p. 52-53)

Segundo Paiva (2010, p. 23), no códice de pergaminho, os adornos da página ganham resultado diversificado, pois quanto mais nova a matéria-prima de que era feito – pele de animal – mais delicado se torna o efeito final. A diferença é sentida tanto na maleabilidade do material quanto na opacidade da folha.

Sobre os famosos treze códices<sup>4</sup> achados no século XX, temos a seguinte narração:

Nas cercanias de Nag Hammadi, no Egito, fica o local em que, no quarto século, funcionava o mosteiro de Chernoboskion. Em 1945, treze códices simples, datando da segunda metade do quarto século, foram achados ali, selados num pote de argila. [...] As encadernações também sobreviveram e fornecem a melhor evidência da origem copta dos códices. Os livros consistiam em maços de folhas de papiro dobradas e frouxamente costuradas numa capa de couro. Dotadas de fechos em forma de abas, os códices de Nag Hammadi têm uma aparência elegante, mesmo para os padrões de hoje. (BATTLES, 2003, p. 63)

Para Barbier (2008, p.54), “a invenção do *codex* é absolutamente fundamental para o futuro da civilização escrita, porque ela proporciona caminhos para os desenvolvimentos futuros do trabalho intelectual sobre documentos escritos. ”. Além disso, discorrendo sobre a estrutura de tal objeto, o autor destaca que por poder adicionar um sistema de referências que facilita a consulta (paginação), tornou-se possível também uma nova alternativa em relação à leitura oralizada, privilegiando o trabalho em silêncio. Por fim, o projeto do códice ainda permite uma lombada de identificação, que mesmo guardada, auxilia a sua busca e recuperação.

De acordo com Paiva (2010, p. 22), a evolução do códex está imediatamente ligada ao cristianismo, devido às referências evangélicas, à tradição intelectual dos mosteiros e à valorização das bibliotecas religiosas.

### **3.2.2.2 A invenção do papel**

A invenção do papel pelos chineses data do século II, mas só foi difundida na Europa no século VIII, depois que os árabes venceram os chineses no Uzbequistão. O que representou uma grandiosa revolução para o livro, que teve sua tecnologia passada aos árabes pelos

---

<sup>4</sup> Biblioteca de Nag Hammadi é uma coleção de textos gnósticos do cristianismo primitivo

prisioneiros chineses. Os árabes então começaram a fabricá-lo usando linho e cânhamo. (PAIVA, 2010, p. 34)

A autora ainda relata que os árabes levaram os segredos da fabricação do material para o norte da África e para a Espanha. Em 1085 é instalado o primeiro moinho papelheiro da Europa. Quando os mouros perderam a soberania territorial na Catalunha, Espanha, a técnica da fabricação espalhou-se pela Europa, assim o papel começa a substituir gradativamente o pergaminho.

Nessa trajetória artesanal, rara, preciosa, o livro comunica a história. Deixa pegadas. Saído do pergaminho – peles de ovinos ou caprinos – curtidas e preparadas – tão utilizado até a difusão da invenção do papel, o livro se adapta. Como registro. Como discurso de época. Veículo de ideias. Material, suporte com possibilidades comerciais bem maiores quando já se escasseava a produção em escala de pergaminho na segunda metade do século XIV. Introduzido na Europa via Ásia Menor, norte de África, Espanha e Itália, o papel torna-se amplamente aceito. (PAIVA, 2010, p. 35)

Multiplicaram-se os livros manuscritos monásticos e laicos a partir do século XII e eram confeccionados através de um longo processo. “Afinal, a invenção do papel, desenvolvida ao longo dos tempos históricos, simultaneamente por diferentes povos em diferentes regiões geográficas, respeitava uma sequência padrão para virar folha de livro [...]”. (PAIVA, 2010, p. 35)

### **3.3 Idade moderna e a invenção do homem tipográfico**

A Idade Moderna é uma era que se inicia com a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, em 1453, e tem seu declínio com o início da Revolução Francesa, em 1789. Teve em seu desenrolar as Grandes Navegações, o Renascimento, a Reforma Protestante que foi acompanhada pela Contra-Reforma Católica, e o Absolutismo. Foi também um período de transição do feudalismo para o capitalismo.

Barbier (2008, p. 101-109), considera que a modernidade que se seguiu à baixa Idade Média e a crescente produção de livros e de documentos de todo os tipos mostra uma ampliação no leque de relações possíveis com a civilização da escrita. Pode-se afirmar que essa articulação é estruturada por três categorias diferentes: a primeira, tendência à especialização; a segunda, a popularização; e por fim, o livro poder ser visto como um objeto de pertencimento social ou até uma manifestação de poder. Houve, também, o Renascimento Escribal, com a revolução do livro que surgiu a partir da invenção de Gutenberg, sendo que o

século XV trouxe uma grande produção e difusão de livros e a mudança de foco das curiosidades intelectuais e formas artísticas.

Segundo Paiva (2010, p. 41), desde o século XIV a cópia manual acaba por ser insuficiente para servir a demanda de reprodução do livro. Em virtude disso, a xilografia – gravação de texto e imagens em madeira – passa a ser muito utilizada:

A partir do aumento da demanda, pranchas de madeira, gravadas, esculpidas em relevo, são usadas como recurso de impressão desde os idos de 1400 na Europa para a produção do suporte livro xilogravado. O que facilitava o atendimento às encomendas, uma vez que a técnica permite a reprodução do manuscrito – página – inteiro e não mais linha por linha.

Todavia, a autora ainda nos chama a atenção para um grande desperdício de folhas no uso da xilografia. A tinta utilizada era à base de água e borrava o verso da folha, dando uso ao termo *anopistographe*, que significa “não impresso no verso”.

No Oriente já se fazia uso há tempos de caracteres fixos, da xilografia e de caracteres móveis primitivos. Desde o século XIV, na China e na Coreia, se tem registro de prática de produção de textos usando caracteres móveis metálicos, entretanto a xilografia nunca foi realmente desprezada. No entanto, é na Europa que vemos uma revolução, sobretudo a partir de 1440, na produção de livros. No século XV, era comum encontrar livros com poucas folhas – os *in folio* – e como se nota, o latim ainda prevalecia, assim como os temas religiosos. Contudo, para conseguir atender à demanda, a cópia feita à mão não era mais suficiente, o que levou a pesquisas e experimentações com a finalidade de se descobrir um novo método que possibilitasse a produção das páginas de livro de maneira mais ágil e econômica. Foi assim que muitos nomes se destacaram quanto à ideia da prensa de tipo móvel. (PAIVA, 2010, p. 42)

A chamada tipografia abarcará as diversas atividades úteis à impressão dos textos desde a concepção dos caracteres até sua composição e impressão, indicando, no processo, um produto gráfico legível e dinâmico. Desta maneira, a edição se mostra variada, composta por uma combinação de tipos metálicos adjuntos pelo compositor em ordem livre:

Matriz, molde, tipos móveis metálicos, relevo, entitamento, rolamento, pressão: e eis a impressão! A ideia revolucionária era ter as combinações à mão e poder desmembrar o bloco da página para reutilizá-lo se necessário em outras partes – como no caso das letras –, corrigindo com menor perda as falhas detectadas. (PAIVA, 2010, p. 43)

Tal técnica, afirma a autora (PAIVA, 2010, p.43), mostrou “duas perspectivas essenciais para o futuro da produção editorial: o olhar prévio e compositivo do editor-tipográfico para a feição da obra em processo de criação-impressão; e a tiragem, nunca antes tão facilitada na história do livro. ”. Barbier (2008, p. 124) observa que mesmo com todas as melhorias, a técnica desenvolvida por Gutenberg continua basicamente a mesma até o início da Revolução Industrial.

Barbier (2008, p. 130) relata que a composição do livro determinava a necessidade de pelo menos três operários: o compositor e dois impressores. Por outro lado, as péssimas condições de trabalho de impressão – que tinha se tornado uma atividade bastante lucrativa – incluíam jornadas que se estendiam por doze ou mais horas, o que, somado à mediocridade dos salários, dá início a uma série de greves nos anos de 1500, na França.

Nas palavras de Barbier (2008, p. 144), a referência ao autor, ao título, ao impressor e ocasionalmente ao lugar e à data de impressão aparecem geralmente ao final do volume, em uma nota impressa – o posfácio – que vem quase sempre acompanhada da marca tipográfica da oficina, que funciona como um verdadeiro símbolo comercial. Logo depois, a marca tipográfica passará do posfácio para a página de título. O que também acontecia era de o volume obter duas marcas: a do livreiro editor no título e a do impressor, no posfácio. A ilustração impressa, aparece em 1461, quando um secretário do bispo de Bamberg, Albrecht Pfister, insere xilografias nas formas tipográficas da edição de um dos seus livros.

O autor também comenta que a religião ainda é o gênero de livro mais procurado naquela época. Os primeiros incunábulos *best-sellers*<sup>5</sup> da época eram de origem religiosa. Não foi à toa que Gutenberg e seus associados, para demonstrar a capacidade da nova técnica de reproduzir textos, escolheram a Bíblia de 42 linhas.

Barbier (2008, p. 151) continua seu estudo discorrendo sobre as inovações que a Renascença trouxe para o livro. Os humanistas italianos se inspiram nos textos da Antiguidade e nos manuscritos carolíngios<sup>6</sup> e constroem as minúsculas e maiúsculas de sua própria escrita, a *antiqua*. Surge também o itálico, que remonta à cursiva sutilmente curvada usada pelos humanistas da Itália. A inovação também vem na ilustração e decoração, além da arquitetura do livro impresso. O modelo do livro humanista e moderno traz um formato com

---

<sup>5</sup> Segundo o Dicionário Online Dicio: s.m. (do ingl.) Livro que alcança grande êxito nas vendas.

<sup>6</sup> Manuscritos carolíngios referem-se à manuscritos do período de Carlos Magno

poucas abreviações, impressão com linhas longas (em vez de duas colunas por página) e a presença de sumário. É o que se mostra neste trecho:

As variações e experimentações do livro vibram com tantas possibilidades e chances de abordagem. As novas letras da Renascença são espaçosas e legíveis como os ambientes da nova arquitetura, coincidem com a introdução de uma nova perspectiva de desenho, estudos da luz e da sombra na pintura. (PAIVA, 2010, p. 49)

O livro impresso se torna um objeto fixo e produzido em série e o campo literário (relação autor/texto/leitor) é reorganizado. A mudança também se faz presente na facilidade de se conseguir livros a um custo mais baixo. A evolução do impresso e a sua popularização transformam as condições de leitura, que passa a poder ser feita em todo lugar. (BARBIER, 2008, p. 157)

Barbier (2008, p. 175) relata que com o humanismo, surgiu a necessidade de fazer frente à crescente massa da produção impressa, e foi nesse período que Conrad Gesner propôs instrumentos de trabalho manejáveis e eficazes como as enciclopédias e bibliografias.

Se o aumento dos documentos supõe com efeito o desenvolvimento de novos instrumentos de trabalho estes, em um segundo tempo, autorizam novas práticas de leitura (a leitura extensiva e a consulta ao invés da leitura intensiva e do comentário) e exercem uma ação sobre o conteúdo dos saberes e sobre a sua organização epistemológica. (BARBIER, 2008, p. 175)

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa aqui realizada é de natureza descritiva e biográfica. A partir de referencial teórico apresenta-se a biografia, como gênero narrativo e literário, e o livro, como suporte da escrita e registro do pensamento, que tem evoluído ao longo do tempo, paralelamente à própria história da civilização. Dessa forma, os passos metodológicos incluem: 1) revisão de literatura, no intuito de contextualizar o tema da pesquisa; 2) definição do universo da pesquisa: personalidades relevantes para a História do livro; 3) seleção da amostra da pesquisa: três indivíduos que viveram na Antiguidade; três que viveram na Idade Média; três indivíduos que viveram na Modernidade. 4) Descrição e análise das biografias levantadas, de acordo com a metodologia adotada.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com os objetivos especificados desta pesquisa, e seguindo os passos metodológicos descritos acima, apresentam-se, neste capítulo, os dados biográficos das personalidades selecionadas. Foram consultadas diversas fontes que foram úteis de maneira complementar e não exclusiva.

### 5.1 ANTIGUIDADE CLÁSSICA

#### 5.1.1 Assurbanipal

Assurbanipal foi um importante rei dos Assírios. Nascido em 690 a.C. e falecido em 627 a.C., é considerado por muitos historiadores, um dos reis mais violentos da Antiguidade. Filho de Assaradão, Assurbanipal assumiu o trono após a morte de seu pai, em 668 a.C. Continuou as guerras iniciadas por seu pai, e seu império obteve importantes conquistas, como a Pérsia, a Babilônia, a Síria e o Egito.

Apesar das guerras e combates, foi notório o desenvolvimento cultural no governo de Assurbanipal. Tendo grande interesse por literatura e erudição, o rei assírio enviava escribas a Assur, Babilônia, Custa, Nipur e a muitos outros centros, com a missão de copiar e reunir placas de argila sobre todos os assuntos. Assurbanipal, valendo-se de sua fama de cruel, usou de ameaças para conseguir alguns materiais literários. Os livros eram levados para o Palácio de Nínive, onde foram estudados e traduzidos na escrita cuneiforme, e depois arquivados. Nascia então a Biblioteca de Nínive.

A Biblioteca de Nínive localizava-se no palácio de Assurbanipal, em Nínive, capital do Império Assírio. O palácio, residência oficial do monarca da Assíria, se situava a 450 quilômetros da Babilônia. No acervo da biblioteca havia cerca de 22 mil placas de argila, com textos em escrita cuneiforme – alguns em sumérico<sup>7</sup> e acádio<sup>8</sup>. Estes escritos apresentavam textos sobre matemática, geografia, medicina, leis, religião, aventura e astrologia, além de manuais de exorcismo, profecias, fórmulas de encantamento, hinos sagrados e peças literárias. A biblioteca teve em seu acervo rolos de couro, placas de cera e papiros, e estima-se que continha um amplo leque do conhecimento da época, muito maior do que o avaliado a partir dos textos que restaram.

---

<sup>7</sup> Segundo o Dicionário Online Dicio: Da Suméria

<sup>8</sup> Segundo o Dicionário Online Dicio: Da Acádia

Ainda que muitas placas se mantenham intactas, a reconstrução de vários textos originais é excessivamente complicada, pois devido à manipulação imprudente do material original, a maioria dos textos integrantes do acervo da biblioteca tornou-se demasiadamente confusa.

Nínive foi destruída em 612 a.C. e acredita-se que durante a queima do palácio, uma parte do incêndio se espalhou para a biblioteca, danificando muitas placas, principalmente as feitas com cera. Não obstante, a Biblioteca de Nínive é responsável por muito do conhecimento que temos hoje sobre a Mesopotâmia.

Alguns estudiosos relatam que a biblioteca de Assurbanipal inspirou Alexandre, o Grande, a criar sua própria biblioteca, mas este morreu antes de tal realização. Entretanto seu amigo e sucessor Ptolomeu II supervisionou um projeto que se tornaria a famosa Biblioteca de Alexandria

### **5.1.2 Calímaco de Cirene**

Nascido em Cirene (atual Líbia), em 310 a.C., aproximadamente, Calímaco era descendente da família Batíadas. A família, muito respeitada, era responsável pela fundação da cidade. Seu avô, também chamado Calímaco, era um militar altamente considerado.

Calímaco recebeu uma impecável educação e parece ter sido discípulo de Hermócrates. Começou seus estudos em sua cidade natal e os terminou em Atenas. Regressou para Cirene, mas logo mudou-se para Alexandria, onde começou seu trabalho como professor de gramática no subúrbio de Eleusis. Apesar de sua origem nobre, Calímaco não viveu na riqueza.

Não se sabe ao certo quando, mas Calímaco começou a trabalhar para o faraó Ptolomeu II e se tornou bibliotecário da Biblioteca de Alexandria. Tendo ocupado o cargo por vinte anos, foi neste tempo que Calímaco fez sua maior colaboração para a História do Livro: escreveu os *pinakes*. Os *pinakes* ou pinaces eram tábuas de bibliografia crítica que eram dispostas em 120 volumes. Organizando cerca de 490.000 rolos de papiro, o primeiro catálogo sistematizado era estruturado em ordem alfabética de autores. Possuindo uma resumida biografia de cada autor, o documento também continha o assunto tratado em cada obra. Infelizmente o catálogo teve o mesmo destino da Biblioteca de Alexandria.

Sendo considerado antiaristotélico, Calímaco era um expoente do helenismo. O poeta, professor e gramático grego deixou mais de 800 obras, mas poucos fragmentos chegaram até nós. Faleceu, aproximadamente, em 240 a.C.

### 5.1.3 Hipátia de Alexandria

Hipátia nasceu na cidade de Alexandria em cerca de 355 d.C. Era filha do último diretor do Museu e da Biblioteca de Alexandria. Seu pai, Theon, foi um famoso filósofo, astrônomo e matemático. Hipátia seguiu então os passos do pai e se destacou no cenário intelectual da cidade, que era então o grande centro cultural da região que hoje corresponde ao Egito.

Cursou a Academia de Alexandria e ao terminar seus estudos e ainda jovem seguiu para Atenas para aprimorá-los. Lá ficou conhecida como “A Filósofa”. Foi discípula na Escola de Plutarco e professava a corrente neoplatônica. Retornou à sua cidade natal e foi convidada para trabalhar como professora na Academia de Alexandria, sendo que aos 30 anos se tornou diretora do lugar. A filósofa também lecionava na Biblioteca de Alexandria. Seus conhecimentos abrangiam filosofia, matemática, astronomia, religião, poesia, artes e era também versada em oratória e retórica. Escreveu diversos livros relacionados a álgebra e aritmética, mecânica e tecnologia. Suas obras se perderam com a destruição da Biblioteca de Alexandria.

Hipátia foi uma figura proeminente de Alexandria e uma guardiã dos conhecimentos materiais e espirituais da biblioteca. Viveu em uma época em que o cristianismo estava em expansão, e com um recorrente confronto entre os cristãos e a cultura greco-romana, Hipátia foi uma das responsáveis pelo resgate de algumas obras antes da tomada da biblioteca pelos cristãos, que queimaram e destruíram rolos, estátuas e objetos de ensino que ali existiam.

Hipátia era considerada à frente de seu tempo, não acumulou riquezas e nunca se casou ou teve filhos, pois tinha receio de não ser mais um ser livre para lecionar e estudar. Por causa dos seus ensinamentos neoplatônicos, seu ideal de livre pensamento, e sua defesa de que o universo era regido pelas leis matemáticas, foi considerada pelos cristãos como pagã. Com a ascensão ao poder do bispo cristão fanático e radical, Cirilo, Hipátia foi considerada herege por seus pensamentos e foi acusada até de bruxaria. Em 415 d.C., a filósofa foi surpreendida ao chegar em casa e levada arrastada para a igreja de Cesarión, onde foi brutalmente assassinada pelos cristãos radicais. Por fim, seu corpo foi desmembrado e jogado às chamas. Vítima de intolerância religiosa, Hipátia foi considerada a última intelectual de destaque de Alexandria e sua morte marcou o fim de Alexandria como centro científico e cultural.

## 5.2 IDADE MÉDIA

### 5.2.1 Monges Copistas

Em uma era sem computador, máquina de escrever, copiadora ou a importante prensa, o legado cultural e filosófico das civilizações grega e romana eram passados por obras literárias e manuscritos copiados à mão.

Na conturbada transição do mundo clássico para a Idade Média, o refúgio ideal para os escritos e documentos de grande valor histórico e cultural se encontrava nos mosteiros. Os mosteiros e abadias da Igreja Católica exerciam um importante papel na formação cultural, moral e religiosa da sociedade. Os monges eram copistas e leitores assíduos, dedicavam suas vidas à cópia de livros, que eram feitos à mão e decorados com iluminuras. A perfeição com que executavam o trabalho fazia com que demorassem anos concluir com um livro. Raros e muito caros, tais livros eram muitas vezes presos por uma corrente para maior segurança. Os monges também se dedicavam ao ensino, detentores de muita cultura, montavam junto aos mosteiros escolas que eram frequentadas por futuros religiosos e filhos de nobres e famílias ricas. Como destaque, mencione-se o mosteiro de Vivarium, os monges beneditinos e os monges irlandeses.

Vivarium, o inaugural *scriptorium* da História foi idealizado por Cassiodoro e foi o primeiro mosteiro a ter a atividade científica explicitamente incluída entre as ocupações dos monges. Fundado para organizar o estudo de textos religiosos e profanos, teve em seu acervo muitas obras latinas.

Os beneditinos, fundados por São Bento de Núrsia, foi outro marco para a transmissão manuscrita. Trabalhando principalmente na abadia de Monte Cassino, os monges seguiam os preceitos de São Bento de Núrsia: pobreza, castidade, obediência, oração e trabalho, assistência aos pobres e promoção do ensino. Com escolas sempre vizinhas de seus mosteiros, a ordem dos beneditinos se tornou um dos maiores centros culturais da Idade Média, possuindo bibliotecas que reuniam o que havia restado das obras e ensinamentos da Antiguidade.

Os monges irlandeses são considerados um dos grandes instrumentos para a salvação da civilização, pois eram obstinados e copiavam todas as obras que chegasse até eles. Não é por menos que a Abadia de Bobbio, fundada pelo santo irlandês São Columbano, possuía uma das maiores bibliotecas do ocidente, com cerca de 700 títulos. Entre eles algum dos mais antigos manuscritos latinos encontram-se conservados ainda hoje. Tais manuscritos demonstram o valor literário e artístico dos códices produzidos pelos monges irlandeses.

## 5.2.2 Cassiodoro

Flávio Magno Aurélio Cassiodoro Senador nasceu em 485 d.C., na cidade de Escilaceu, na região da Calábria. Descendente de uma família de origem Síria, era filho do governador da província romana da Sicília.

Foi conselheiro de seu pai, enquanto este era governador e ficou conhecido por seus conhecimentos jurídicos. Em 507 foi nomeado questor, cargo que tinha funções administrativas financeiras e era o primeiro passo para a carreira política da Roma Antiga. Assumiu o cargo de cônsul em 514. E em 523 admitiu-se Mestre dos Ofícios do governo de Teodorico, o Grande e do seu sucessor, Atalarico. O Mestre dos Ofícios – importante cargo da administração civil ostrogoda – tinha como obrigação a chefia dos serviços administrativos da corte e do governo. Com a morte de Atalarico, Cassiodoro foi nomeado prefeito pretoriano da Itália – uma espécie de primeiro ministro. Em 537 Cassiodoro partiu para Constantinopla, lugar onde se tornou um especialista em religião e em suas implicações jurídicas.

Em 555 voltou para suas terras em Vivarium, onde construiu um mosteiro, que se tornou um centro de estudos com a finalidade de aprofundar o conhecimento da Bíblia, utilizando as contribuições da cultura pagã e da escola clássica. Em seu mosteiro, Cassiodoro criou uma referência de uma comunidade monástica, em que os estudos bíblicos baseavam-se em uma harmoniosa colaboração de caráter espiritual e manual, e onde uma importância especial era dada aos escribas. Desta maneira, a biblioteca do mosteiro se enriquecia com o trabalho que vinha da mão dos escribas. Em Vivarium, Cassiodoro e seus associados, resgatavam para a latinidade obras gregas, por meio da tradução, e criaram outras obras latinas cristãs.

Após sua morte em 580 d.C., a maior parte dos livros foi destinada à Biblioteca de Latrão e mais adiante, foram levados à França e à Inglaterra, para serem copiados. Dos dois livros que integram as *De Institutione Divinarium Litterarum*, o primeiro se torna uma obra fascinante, pois nele Cassiodoro disponibiliza uma resenha dos livros conservados em Vivarium, assinalando aqueles provenientes de seu acervo pessoal e aqueles em grego, dispostos em uma prateleira específica.

Escreveu as *Institutiones*, em que relatava a extrema importância que o trabalho dos monges copistas tem para a preservação da cultura e para a Igreja, além da formação espiritual e intelectual do próprio monge.

### 5.2.3 Bi Sheng

Bi Sheng nasceu em 990 d.C. e viveu na Dinastia Song do Norte, na China. Infelizmente, não existem muitos detalhes de sua ascendência ou vida pessoal.

O plebeu foi contratado como calígrafo pelo dono de uma loja de impressão em bloco. Para imprimir o manuscrito da vida de seu pai adotivo, Bi Sheng aprendeu, com um gravador ancião famoso que era seu amigo, a impressão em xilogravura. O idoso foi demitido por conta de suas limitações que vieram com a idade e foi então que Bi Sheng decidiu reformar a tecnologia de impressão. Com um trabalho árduo e ajuda de sua esposa, o inventor chinês concebeu uma nova tecnologia de impressão.

A nova tecnologia usava tipos de argila, diferente para cada caractere, endurecido por cozimento no fogo. Estes tipos móveis eram guardados em sacos de papel por ordem de rima. Mistura-se resina de cera e cinzas de papel e a mistura era colocada sobre uma placa plana de aço. Era feito, então, o arranjo dos caracteres, onde os tipos móveis eram colocados na placa de aço em ordem. A placa era colocada no fogo para derreter a cera, de modo que ao ser pressionada com os tipos organizados, os tipos aderiam à placa de aço com cera amolecida. Após a impressão, a chapa de aço era aquecida novamente para deixar a cera derreter e os tipos móveis eram removidos da placa e guardados para novo uso.

Com a nova tecnologia, Bi Sheng abriu uma loja com outros artesãos. Entretanto, seu sucesso provocou grande inveja, principalmente de seu ex-empregador, e posteriormente Bi Sheng foi preso e sua família terminou na miséria.

Foi considerado o inventor da primeira tecnologia de impressão conhecida e morreu no ano de 1051 d.C. Sua invenção, que utilizava menos mão de obra e recursos, tinha alta eficiência e qualidade de impressão. É considerada uma grande revolução na história da impressão e iniciou as bases da indústria de impressão moderna.

## 5.3 MODERNIDADE

### 5.3.1 Laurens Coster

Laurens Janszoon Coster nasceu em aproximadamente 1370 na cidade de Haarlem, Holanda. Foi um importante indivíduo no lugar em que nasceu, já que era o tesoureiro da cidade e ocupava o cargo de sacristão de Sint-Bavokerk .

Coster estava talhando letras em madeira para a diversão de seus netos quando observou que as letras deixaram impressões na areia. Posteriormente, desenvolveu um tipo de tinta que não escorria e inventou um tipo de arranjo de diagramação primitiva usando os tipos móveis que ele inventara. Usou letras feitas de madeira e depois aperfeiçoou-as para chumbo e estanho.

Abriu uma empresa que prosperou e cresceu. Foi tido, nos países baixos, como o verdadeiro inventor da tipografia. Morreu em 1440, vítima de uma praga que assolou a cidade de Haarlem.

A lenda diz que Johann Fust foi seu assistente na impressão de alguns livros e quando Coster estava perto da morte, Fust levou sua invenção para Mainz (Mogúncia), na Alemanha e deu início à sua própria empresa de impressão.

### **5.3.2 Johannes Gutenberg**

Nascido em 1398 na cidade de Mogúncia, Alemanha, Johannes Gensfleisch vinha de uma família de sucesso, com o pai e o tio trabalhando na Casa da Moeda da cidade. Sendo conhecido por Gutenberg, levava esse nome por causa da fazenda de sua família, Zurn Gutenberg, uma das principais da cidade.

Ainda jovem, trabalhou como ourives e estampador de lâminas. Concomitantemente, buscava um processo de impressão mais rápido e prático. Mudou-se para Estraburgo, onde viveu de 1434 a 1444, e onde conheceu e se associou a Andreas Dritzehn e montou uma companhia. Após a morte de Dritzehn, Gutenberg descartou todas as pesquisas e projetos de impressão que tinham feito em sociedade.

Por volta de 1448, voltou a Mogúncia, onde montou sociedade com o ourives Johann Fust. Quando lhe pediu um empréstimo, o mesmo exigiu em troca uma participação nos lucros da empresa que formaram, a “Das Werk der Buchei” ou “Fábrica de Livros”. Em pouco tempo, Peter Schoeffer também entrou na sociedade.

A prensa que Gutenberg criou era uma adaptação daquelas utilizadas para moer uvas. Criou também os tipos moveis metálicos, que se mostravam muito mais resistentes e modificou a consistência da tinta, deixando-a mais densa para que se fixasse mais nos tipos. Os tipos eram dispostos um atrás do outro sobre uma guia de madeira, em linha. As linhas obtidas eram ordenadas em uma caixa e depois todos os tipos eram untados com tinta para a prensagem.

A obra mais famosa de Gutenberg foi a Bíblia de 42 linhas, concluída em 1455. Possuía 42 linhas em duas colunas. Cada página era montada juntando-se as letras. Depois de prensada e seca, era feita a impressão do verso da página. Com uma fabricação de trezentas folhas por dia, Gutenberg utilizou seis impressoras. Calcula-se que foram produzidas trezentas cópias, das quais existem hoje aproximadamente quarenta.

Em 1455, terminada a impressão da Bíblia de 42 linhas, a sociedade de Fust e Gutenberg foi desfeita e envolveu problemas com a justiça. Como resultado do julgamento e pagamento da dívida, Fust ficou com a impressora, os tipos e as bíblias, em resumo, com todo o negócio de Gutenberg.

Gutenberg morreu em 1468 no mesmo lugar em que nasceu e sua invenção permaneceu inalterada até século XX.

### 5.3.3 Aldo Manúcio

Teobaldo Mannucci, conhecido como Aldo Manúcio nasceu em Bassiano, Itália, no ano de 1449. Recebeu educação liberal, aprendeu latim e grego em Roma e Ferrara, respectivamente, com a orientação de Guarino da Verona.

Em 1482 se mudou para a cidade de Mirandola com seu amigo Giovanni Pico e passou dois anos aperfeiçoando seus estudos de literatura grega. Pico mudou-se para Florença e deixou a guarda de seus sobrinhos para Manúcio.

Uma das ambições de Manúcio era impedir que as obras de literatura grega caíssem em esquecimento ou sofressem perda física, o que incentivou seus primeiros projetos de edição. Estabeleceu-se em Veneza, lugar em que escolheu para desenvolver seus trabalhos, no ano de 1490. Lá contou com a ajuda de estudiosos gregos que o ajudaram em seus projetos. Por esta razão, a língua grega foi a mais utilizada em seus trabalhos.

Sua disposição, assim como a indústria editorial na época era infundável. No ano de 1495 ele elaborou o primeiro volume da publicação de um livro de Aristóteles. Entre 1497 e 1498, concluiu a edição de mais quatro volumes do livro de Aristóteles, além das nove comédias de Aristófanes. Muitos outros clássicos vieram depois.

Humanista e estudioso das artes editoriais, aperfeiçoou a gramática das traduções gregas e introduziu o uso de paginação como regra em suas edições. Em 1501, Manúcio fez uso dos primeiros caracteres inclinados, itálicos, estreitos, claros e funcionais que imitavam a cursiva e permitia impressões mais econômicas. Inventor do *in-octavo*, os conhecidos livros

de bolso, o tipógrafo, editor e livreiro, ganha o público com o rigor e a elegância que usava para editar os clássicos.

Faleceu em 1515, e é tido até hoje como o pai do design tipográfico e o idealizador da fonte Aldina.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma história que vem da Antiguidade Clássica até os dias de hoje, a História do Livro reflete a história da civilização. Sendo assim, as narrações da vida de uma pessoa desenvolvem-se em um determinado contexto histórico, mostrando a evolução de uma sociedade.

A inspiração para o tema deste trabalho surgiu durante as aulas ministradas na disciplina de História do Livro e das Bibliotecas. Aprendendo um pouco de toda a História do Livro – no Brasil e no mundo – e também a história da civilização, a curiosidade e o interesse de reunir alguns dos principais colaboradores desta história em um único documento manifestou-se rapidamente.

Apresentando um panorama da História do Livro, este trabalho visou evidenciar as principais colaborações de importantes figuras do desenvolvimento do livro, como registro do pensamento. Elencando apenas três períodos históricos, e dentro desses, algumas personalidades específicas, além dos copistas, em seu conjunto, a pesquisa teve como objetivo a descrição do desenvolvimento do livro em cada época, trazendo as principais mudanças e os nomes responsáveis por elas.

A triagem das personalidades se fez com uma combinação de interesse próprio e nomes recorrentes durante a pesquisa para a revisão de literatura. Por interesse e curiosidade própria temos como exemplo o caso da Hipátia de Alexandria, que foi uma das primeiras mulheres com influência na ciência e no poder. Por frequência de nomes mencionados por sua importância, temos o exemplo de Johannes Gutenberg, que é considerado o pai da prensa de tipo móvel e um precursor da impressão que temos atualmente.

Mesmo com limitações, foi feito um levantamento de referências e documentos na área a fim de listar e descrever algumas das principais personalidades e sua respectiva importância na trajetória do livro, quer como objeto, quer como registro do pensamento. Nesse sentido, embora longe de constituir um estudo conclusivo, a pesquisa atinge os objetivos propostos, no intuito, também, de se tornar uma possível motivação para outros estudos nesta mesma linha.

## REFERÊNCIAS

BARBIER, Frédéric. **História do Livro**. São Paulo: Paulistana, 2008. 475 p.

BATTLES, Matthew. **A Conturbada História das Bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003. 239 p.

DEL PRIORI, Mary. **Biografia**: quando o indivíduo encontra a história. *TOPOI*, v. 10, n. 19, jul-dez. 2009, p. 7-16.

MENDES, José Amado. **O contributo da biografia para o estudo das elites locais**: alguns exemplos. *Análise Social*, v. XXVII (116-117), 1992.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A Fascinante História do Livro**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1985. 303 p.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A Aventura do Livro Experimental**. São Paulo: Edusp, 2010. 140 p.

REGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a História**. Série Ideias 2. - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2014.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias...** Historiadores e jornalistas: Aproximações e afastamentos. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>>. Acesso em: 20 out 2015.

## REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ÁGORA. Direção de Alejandro Amenábar. [s.l.], 2009. (127 min.), son., color.

AMARAL, Marina. **Resumo:** idade média. Disponível em:

<<https://ahistoriaresumida.wordpress.com/2015/01/08/resumo-idade-media/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

ARTE CAROLÍNGIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arte\\_carol%C3%ADngia&oldid=42328154](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arte_carol%C3%ADngia&oldid=42328154)>.

Acesso em: 1 dez. 2015.

ASSURBANÍPAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Assurban%C3%ADpal&oldid=40367214>>.

Acesso em: 3 nov. 2015.

BI SHENG. In: WIKIPEDIA, the free encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015.

Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Bi\\_Sheng](https://en.wikipedia.org/wiki/Bi_Sheng)>. Acesso em: 8 nov. 2015

BIBLIOTECA DE NAG HAMMADI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Biblioteca\\_de\\_Nag\\_Hammadi&oldid=43495134](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Biblioteca_de_Nag_Hammadi&oldid=43495134)>.

Acesso em: 1 dez. 2015.

BIBLIOTECA DE NÍNIVE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Biblioteca\\_de\\_N%C3%ADnive&oldid=42247321](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Biblioteca_de_N%C3%ADnive&oldid=42247321)>.

Acesso em: 8 nov. 2015.

BIOGRAFÍAS Y VIDAS. **Calímaco.** Disponível em:

<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/calimaco.htm>>. Acesso em: 25 out. 2015.

BIOGRAFÍAS Y VIDAS. **Laurens Janszoon Coster.** Disponível em:

<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/coster.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

BIOGRAFÍAS Y VIDAS. **Manuzio.** Disponível em:

<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/manuzio.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

CALÍMACO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em:

<<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cal%C3%ADmaco&oldid=43434767>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

CASSIODORO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015.

Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cassiodoro&oldid=43617284>>.

Acesso em: 8 nov. 2015.

CONSTENLA, Tereixa. **Aldo Manuzio, el humanista que inventó el libro de bolsillo.** Disponível em:

<[http://cultura.elpais.com/cultura/2015/02/06/actualidad/1423249081\\_712646.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2015/02/06/actualidad/1423249081_712646.html)>. Acesso em: 07 nov. 2015.

DEBBIO, Marcelo del. **Hipátia de Alexandria**. Disponível em: <<http://www.deldebbio.com.br/2010/02/15/hipatia-de-alexandria/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

DICIO: Dicionário online de português. Dicionário online de português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

E-BIOGRAFIAS. **Biografia de Johannes Gutenberg**. Disponível em: <[http://www.e-biografias.net/johannes\\_gutenberg/](http://www.e-biografias.net/johannes_gutenberg/)>. Acesso em: 06 nov. 2015.

EPOCH TIMES. **Bi Sheng, o inventor da imprensa de tipo móvel**. Disponível em: <[https://www.epochtimes.com.br/bisheng-inventor-imprensa-tipo-movel/#.Vj49NK6rQ\\_U](https://www.epochtimes.com.br/bisheng-inventor-imprensa-tipo-movel/#.Vj49NK6rQ_U)>. Acesso em: 05 nov. 2015.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **História Moderna**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/historia-moderna/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

GAUDIUMPRESS. **Monges copistas: A Civilização Ocidental passou por suas mãos...** Disponível em: <<http://www.gaudiumpress.org/content/41333-Monges-copistas--A-Civilizacao-Ocidental-passou-por-suas-maos-hellip->>. Acesso em: 05 nov. 2015.

HIPÁTIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hip%C3%A1tia&oldid=43629222>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

HOJE EU VI. **A História de Hipátia de Alexandria: Uma mulher além de seu tempo**. Disponível em: <<http://www.hojeeuvi.com/textos/a-historia-de-hipatia-de-alexandria-uma-mulher-alem-de-seu-tempo>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

JOHANNES GUTENBERG. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Johannes\\_Gutenberg&oldid=43637490](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Johannes_Gutenberg&oldid=43637490)>. Acesso em: 8 nov. 2015.

LAUAND, Jean. **Cassiodoro e as Institutiones: o Trabalho dos Copistas**. Disponível em: <<http://hottopos.com/videtur31/jean-cassiodoro.htm>>. Acesso em: 26 out. 2015.

LAURENS JANSZOOM COSTER. In: WIKIPEDIA, the free encyclopedia. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Laurens\\_Janzsoon\\_Coster](https://en.wikipedia.org/wiki/Laurens_Janzsoon_Coster)>. Acesso em: 8 nov. 2015

LOPES, Marcello. **Calímaco e a Biblioteca de Alexandria**. Disponível em: <<http://leiovejoopino.blogspot.com.br/2013/10/calimaco-e-biblioteca-de-alexandria.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

MAGISTER OFFICIORUM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Magister\\_officiorum&oldid=41553382](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Magister_officiorum&oldid=41553382)>. Acesso em: 8 nov. 2015.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: História do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional, 1972. 390 p. (Cultura, Sociedade, Educação).

MOREIRA, Danilo. **Conheça a história de Hipátia de Alexandria**. Disponível em: <<http://www.geniocriador.com.br/potencial-criativo/141-conheca-a-historia-de-hipatia-de-alexandria.html>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

PACIEVITCH, Thais. **Johannes Gutenberg**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/johannes-gutenberg/>>. Acesso em: 06 nov. 2015.

PARQUE DOS MONGES. **Monge copista**. Disponível em: <<http://www.parquedosmonges.com/portfolio/monge-copista/>>. Acesso em: 05 nov. 2015

PATERLINI, Roberto Ribeiro. **Bibliotheca Alexandrina**. Disponível em: <<http://www.dm.ufscar.br/hp/hp855/hp855001/hp855001.html>>. Acesso em: 05 nov. 2015

RIBEIRO JUNIOR, Wilson A.. **Calímaco de Cirene**. Disponível em: <<http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0621>>. Acesso em: 25 out. 2015.

RICHÉ, Pierre. **Quando copiar era um estímulo intelectual**. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/quando\\_copiar\\_era\\_um\\_estimulo\\_intelectual.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/quando_copiar_era_um_estimulo_intelectual.html)>. Acesso em: 05 nov. 2015.

SANTANA, Ana Lucia. **Hipátia**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/hipatia/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

SANTIAGO, Emerson. **Antiguidade Clássica**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/antiguidade-classica/>>. Acesso em: 19 out. 2015.

SATUÉ, Enric. **Aldo Manuzio**: Editor. Tipógrafo. Livreiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. 253 p.

SUA PESQUISA. **Assurbanipal**. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/biografias/assurbanipal.htm>>. Acesso em: 25 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Assurbanipal, para os gregos Sardanapalos**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Assurban.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Calímaco de Cirene**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/Calimaco.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Flávio Magno Aurélio, o Cassiodoro Senatore**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MagnoAuC.html>>. Acesso em: 26 out. 2015.

UOL EDUCAÇÃO. **Inventor Alemão, Considerado o pai da imprensa: Johannes Gutenberg**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/johannes-gutenberg.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2015.